



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657



A "MARCHA DAS VADIAS" COMO AÇÃO EDUCATIVA NO PROCESSO DE CONQUISTA DA AUTONOMIA FEMININA

FERNANDO BARBOSA OLIVEIRA CORREIA
KARINA SALES VIEIRA
CRISTIANO JOSÉ DE OLIVEIRA

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO

É objetivo deste estudo analisar as ações educativas realizadas pela *Marcha das Vadias*, considerando esta manifestação dentro da categoria de novos movimentos sociais. Antes disso, faz-se um apunhado histórico das condições socialmente construídas que culminaram no atual contexto onde justifica-se a *Marcha*. A partir de uma concepção paulofreiriana, entende-se que as ações educativas visam a conscientização e, por conseguinte, a autonomia do ser humano. É dentro desse contexto que entendemos a *Marcha das Vadias* como uma das experiências estimuladoras que colabora para a superação de uma educação machista e reprodutora da sociedade patriarcal, contribuindo assim no processo de conquista da autonomia feminina.

ABSTRACT

It is aim of this study is to analyze the educational actions taken by March of Bitches, considering this event within the category of new social movements. Before that, it is a historical apunhado of socially constructed conditions that culminated in the current context where it is appropriate to March. From a paulofreiriana design, it is understood that educational activities aimed at raising awareness and therefore the autonomy of the human being. It is within this context that we understand the March of bitches as one of stimulating experiences that contributes to overcoming a sexist education and reproductive patriarchal society, thereby fostering the achievement process of female autonomy.

A MARCHA DAS VADIAS COMO MOVIMENTO SOCIAL

A *Marcha das vadias* é um movimento de ordem feminista que ocorre em vários países, abrangendo os cinco continentes. Sua origem está datada em maio de 2011, em Toronto, como reação à declaração de um policial, quando em um fórum universitário sobre segurança no *campus*, o mesmo [1]afirmou que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como *sluts*, ou em tradução direta para o português: vagabundas, putas, vadias. Reconhecendo nesta declaração um exemplo amplamente aceito de como a violência sexual é justificada com base no comportamento e corpo das mulheres, a primeira *Slutwalk* de Toronto teve como principais bandeiras o fim da violência sexual e da culpabilização da vítima, bem como a liberdade e a autonomia das mulheres sobre seus corpos.

Apesar de inicialmente ter sido um ato isolado no Canadá, a versátil troca de informações pela internet proporcionou que a *Marcha* logo se espalhasse pelo resto do mundo. Em países de língua espanhola, o protesto ganhou o nome de *Marcha de las putas* ou *Marcha de las vagabundas*. No Brasil, o primeiro estado a realizar a *Marcha* foi São Paulo, no mesmo ano de 2011, onde adotou-se o termo "vadias". Para CÉSAR & ATHAYDE,

Foi em nome dessa inversão de valores que a 'marcha das vadias' se apoderou da antiga denominação e fez do termo 'vadia' um poderoso instrumento de contra-conduta, ressignificando e reterritorializando a linguagem. As vadias que saem às ruas não guardam qualquer parentesco com a mulher frágil, subordinada ao poder masculino. CÉSAR & ATHAYDE (2013, p.05),

A rapidez com que a *Marcha* se disseminou pelo país e mobilizou a juventude é indissociável das possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem ao ativismo político. Já em 2012, no segundo ano do advento da *Marcha das Vadias*, 23 cidades, de todas as regiões do Brasil organizaram protestos usando ferramentas propícias da internet (com foco especial nas redes sociais).

A *Marcha das Vadias* está contextualizada com o que podemos chamar de novos movimentos sociais. Estes se diferenciam dos tradicionais movimentos sociais do século XX a partir da leitura das transformações culturais que resultam (in)diretamente da globalização. Outra diferenciação a ser analisada é a percepção do novo mundo do trabalho, onde a identidade de classes sociais foi substituída por processos identitários que não decorrem apenas das suas relações de produção. Portanto, as relações historicamente estabelecidas pelo materialismo histórico dialético que enxergava apenas a dicotomia entre patrões e empregados, deu vez a numerosas formas de identificação social autonomizadas como feministas, gays, transgêneros, indígenas, negros, ambientalistas, imigrantes, ativistas, etc. Pode-se dizer que os novos movimentos sociais passaram a incorporar tanto segmentos da classe média quanto pessoas à margem do mercado de trabalho e da sociedade ou sujeitos que se identificavam como oprimidos de alguma forma.

Além do que já foi exposto, as diferenciações acontecem também no campo das pautas feministas defendidas historicamente. Para as gerações anteriores, o debate a respeito da autonomia sobre o corpo se dava de forma mais subjetiva, vinculado geralmente às reivindicações pela legalização do aborto, contra a violência doméstica e da saúde feminina. Para as gerações atuais, o corpo assume um significado mais complexo. Ter autonomia sobre o corpo não se dá somente vinculado ao controle da reprodução ou a saúde da mulher, mas também como uma forma de experimentação sobre o mundo. Ou como afirmam os autores GOMES & SORJ (2014, p.442), “a sensualidade dos corpos é motivo de celebração, os padrões de beleza historicamente construídos são questionados, a menstruação ou masturbação passam a ser discutidos e positivamente assumidos”. Embora as “pautas clássicas” – mais ligadas a políticas públicas – continuem sendo cobradas, novas demandas surgem para a sociedade. Isto não significa, porém, que as questões sobre o corpo e o vestuário nunca tenham sido questionadas. Iranilson Buriti, em “Leituras do Sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império”, afirma:

É importante mostrar que o vestuário no século XIX subjetivou as mudanças ocorridas na França. Cortes, cores, texturas, modelos, enfeites, tudo foi alterado pelos costureiros e pelas modistas. Os novos estilos de vestir seduzem o olhar dos homens, desejosos de mudar o cotidiano do corpo coberto, de agradar ao outro, de surpreender, de ofuscar gorduras, de marcar o território pela distinção social, pela teatralidade do traje. Os prazeres do olho são refinados a partir da segunda metade do Oitocentos e a sociedade que se deseja civilizada fará novas reivindicações para vestir o próprio corpo. A beleza é desejada (BURITI, 2011, p.44)

Reforçando essa teoria, Sant’Anna afirma que entre os séculos XVIII e XIX, a educação passa a se destinar a conformação dos corpos, de onde surgem os “manuais de comportamento, embelezamento, educação e disciplina dos corpos que estavam em consonância como o fortalecimento de uma imagem moderna e produtiva.” (Sant’Anna *Apud* Mendonça, 2006, p.108).

No entanto, no século XIX esse debate assumiu o aspecto muito mais ligado ao conceito de “civildade” do que aos conceitos trabalhados pela *Marcha* na contemporaneidade, atrelados ao processo de conquista da autonomia feminina. Se no primeiro momento o corpo serviu como adaptação a vida burguesa e aos ideais iluministas, neste segundo momento o sentido do corpo está mais próximo da sua libertação. De certo modo, podemos dizer que a *Marcha* está mais próxima de uma releitura jovem e irreverente da famosa manifestação conhecida como “a queima de sutiãs”, quando na década de 60 do século XX, mulheres americanas se manifestaram contra o concurso de beleza denominado “Miss América”. O protesto, que propunha a queimar os sutiãs como uma maneira de demonstrar que o concurso tinha uma visão arbitrária de beleza e opressora do feminino, reuniu cerca de 400 feministas. Por esse viés político é mais compreensível associar a *Marcha* à “queima de sutiãs” realizada 50 anos atrás.

Entender este panorama geral da *Marcha das Vadias* é necessário para que possamos seguir adiante e a posteriori considera-la como uma ação educativa que contribui para a conquista da autonomia feminina. Antes disso, porém, vamos buscar na história um panorama geral de como se construíram as relações hierárquicas que privilegiam o patriarcado como detentor do poder.

A MULHER CONSTRUÍDA PELA HISTÓRIA

Emanuel Araújo, no livro organizado por Mary del Priore denominado “História das mulheres no Brasil” inaugura seu capítulo relatando o Brasil colonial do século XVIII:

Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas. (ARAÚJO, 1997, p.45)

Desta forma podemos perceber que tanto o Estado quanto a Igreja – que na época era tão influente quanto o primeiro – exerciam forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O controle do corpo passava mais pelas instituições reguladoras do que necessariamente pela dona e detentora do mesmo. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e portanto cabia a ele exercer a autoridade. Embasadas por questões religiosas, virou política de Estado confundir o papel da mulher com a subserviência, sacrificando sua liberdade, ideias e o próprio corpo. Como a imagem feminina estava atrelada intimamente a ideia – até então – nefasta de sensualidade, a mesma deveria estar sempre resguardada ao espaço privado, podendo ela compartilhar do espaço público em apenas três ocasiões: para se batizar, se casar e ser enterrada. Vemos aqui que a noção de educação para mulheres está ligada antes de tudo ao adestramento, onde as poucas instruções direcionadas para elas resumiam-se aos afazeres domésticos e religiosos. A educação formal, resguardada a pouquíssimas, se dava em casa ou em conventos, sempre com conteúdo limitado.

Entretanto, é salutar afirmar que toda essa repressão não se dava sem resistência contrária das mulheres. Embora muitas aceitassem passivamente a subordinação aos valores misóginos, existiam também aquelas que exerciam o papel de vanguarda. O exercício de sedução através da dança, das vestimentas, do vinho, da homossexualidade e do próprio adultério eram – ou podiam ser – elementos de transposição da ordem vigente. Mas esse papel ia além dos limites do corpo. No livro “500 anos de educação no Brasil”, Arilda Ribeiro é responsável pelo capítulo intitulado “Mulheres educadas na colônia” e nele afirma:

Maria Quitéria e a Imperatriz Leopoldina destacaram-se na passagem do Brasil-colônia para o Brasil independente. A Imperatriz Leopoldina teve participação decisiva no “dia do Fico”, quando seu esposo, vacilante, não decidia se ia para Portugal ou ficava no Brasil. Também atuou na proclamação da Independência quando enviou, em comum acordo com José Bonifácio, uma carta ao marido para que ele tomasse a atitude de rompimento com o Reino Português. Foi sua missiva que desencadeou o gesto “histórico” às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo. Quanto a Maria Quitéria, participou de diversas batalhas pela Independência: vestida de homem, seu sexo nunca foi revelado, até que seu pai o comunicasse ao seu oficial comandante da Infantaria. Recebeu de D. Pedro I elogios e méritos pela bravura e coragem de atuar como um brasileiro. Maria Graham, que pintou o seu retrato e a admirava, mencionou: “ela é iletrada, mas inteligente. Sua compreensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que, com educação, ela poderia ser uma pessoa notável.” (RIBEIRO, 2000, p.90)

Poderíamos citar inúmeros casos onde a mulher assumiu o papel vanguardista que não lhes era resguardado. Como afirmado no fim da citação acima, vimos que a educação formal era pensada exclusivamente para o homem, restando – quando muito – o convento e o espaço privado do lar para que fossem adquiridos pela mulher os conhecimentos básicos.

A MARCHA DAS VADIAS COMO AÇÃO EDUCATIVA

Com esse resgate da historiografia brasileira podemos perceber que nem sempre a escola é o único espaço destinado à educação ou que, ao contrário do que costumamos aprender, nem sempre uma ação educativa passa pelos seus muros. É a partir desta leitura que se considera ao longo deste artigo a *Marcha das Vadias* como ação educativa, pois é um apoio à dimensão individual da emancipação, a auto constituição como sujeito de sua própria vida, e, ao mesmo tempo, um instrumento para o enfrentamento coletivo da opressão das mulheres. Se a educação tem como horizonte a autonomia e libertação da humanidade da exploração em que vive, a *Marcha* também colabora nesse sentido, pois questiona os princípios estruturantes das desigualdades de gênero ainda em curso no atual estágio da sociedade. Logo, admitimos aqui uma consonância entre o feminismo e a educação: ambos portam de um caráter civilizatório.

Para Paulo Freire (1996, p.54), toda ação educativa termina na conscientização e, por conseguinte, na autonomia, pois deverá ser precedida por uma reflexão sobre o ser humano e uma análise do seu meio de vida e suas condições sociais. Afirma também: “A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. (...) É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade”. Portanto, entende-se neste artigo a *Marcha das Vadias* como uma dessas experiências

estimuladoras, posto que nem toda ação educativa passa necessariamente pelo espaço da escola e que outros setores da sociedade, como os movimentos sociais, também cumprem essa função reflexiva e educadora. Embora não seja a função primordial deste estudo, é importante afirmar que esta “conscientização” de que falamos está no meio do caminho entre os processos educativos e autonomia do ser humano. Na estrutura do pensamento paulofreiriano, conscientização e educação são elementos intimamente ligados que não encontram em si mesmos o seu principal sentido: estão, antes de tudo, a serviço do homem. De fato, segundo Paulo Freire, não é possível passar da consciência ingênua – o primeiro momento, ou estágio, da consciência – para a consciência crítica sem o auxílio de ações educativas, sejam estas institucionalizadas ou não. Educação e conscientização são, portanto, uma contribuição à transição como ações libertadoras e como rupturas das práticas domesticadoras do que Freire denominava como educação bancária. São dois momentos de um mesmo processo em que a educação politiza e a política educa.

Ainda para Freire, a educação e os processos educativos ocupam espaço privilegiado no desenvolvimento da consciência crítica, principalmente no que ele categorizava como sociedades do terceiro mundo, onde os indivíduos se encontram imersos na realidade objetiva, com pouca ou nenhuma possibilidade de uma reflexão mais profunda. Este é um momento muito relevante para que se inicie um processo educativo que seja marcado pelo diálogo que impulse os agentes societários a compreenderem sua realidade. É neste contexto que se insere e que visualizamos a importância da *Marcha*. Como uma ação educativa que contribui no processo de conscientização para romper com paradigmas preconceituosos instalados no cerne da sociedade: machismo, homofobia e autonomia sobre o corpo são alguns exemplos.

Portanto, reforçamos mais uma vez que se entende no presente artigo que a ação educativa é uma possibilidade de construção de conhecimento. Mas, importante pontuar, isso só pode ocorrer de acordo com um extenso processo de sistematização das práticas pedagógicas, a exemplo do que sugere a proposta de experiências da educação popular, para que possa fornecer possibilidades para o desenvolvimento teórico do que podemos aqui chamar de pensamento pedagógico feminista. Ou seja, a *Marcha* por si só, embora seja de extrema necessidade, não transformará o *status quo* da sociedade. A simbologia do ato é sem igual, mas se faz necessário também outros elementos, como a produção intelectual e teórica das mulheres, a sistematização das práticas pedagógicas, um calendário anual de atividades e, por conseguinte, tornar público todos esses debates para que a *Marcha* seja mais do que algo simbólico e pontual. Para que esse tema faça parte não só do currículo escolar, mas também tome fôlego nas ruas, nas discussões cotidianas e corriqueiras, na educação familiar, nos espaços públicos e privados.

A MARCHA COMO ELA É: A EXPERIÊNCIA ARACAJUANA

Na capital sergipana, a *Marcha das Vadias* caminha para a sua quarta edição. Desde 2012 até 2014, estima-se que mais de mil mulheres já participaram da manifestação. Antes de marcharem, geralmente no mês de maio, as manifestantes organizam-se através de reuniões e debates espalhados por toda a cidade. Nos eventos preparatórios, os temas mais discutidos continuam sendo a legalização do aborto, o fim da violência contra a mulher, políticas públicas específicas de gênero e o feminismo interseccional (que questiona o “feminismo hegemônico”, designando assim a interdependência das relações de poder de raça, gênero e classe). Os espaços de deliberação e auto-organização são compostos não só de mulheres, mas também de transgêneros e alguns homens, abrangendo assim uma concepção de gênero mais focado no “se sentir mulher” do que no “ser mulher” que é atribuído historicamente e biologicamente.

Na *Marcha*, gestos, dizeres e cartazes das manifestantes acrescentam um papel imprescindível na comunicação do ato político, slogans e gritos de guerra como: “A nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadorias”, “Preste atenção: o corpo é meu, a minha roupa não é problema seu!”, “Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”, “Meu corpo, minhas regras” denotam a ideia de que o corpo é propriedade apenas das próprias mulheres. Apesar das afirmações parecerem óbvias, basta uma análise mais profunda e histórica que não faltarão exemplos para justificar as pautas femininas. Na verdade, nem precisamos voltar séculos atrás para perceber que o corpo da mulher está intrinsecamente ligado a ideia de beleza e sensualidade. O marketing, a indústria de moda e cosméticos, a mídia e a educação formal e informal a todo momento reforçam essa divisão de gênero, muitas vezes categorizando a mulher como mercadoria de consumo. Seguindo esta lógica, a mulher e o seu corpo devem sempre estar nos padrões ideias impostos a ela, pois o discurso dominante os obriga a isso, como constata Del Priore:

Más notícias nesta entrada do século XXI: as mulheres continuam submissas! De nada adiantaram a propalada revolução sexual, a queima de *soutiens* em praça pública, a difusão da pílula. [...] Mudamos muito, mas mudamos para continuarmos as mesmas. [...] Trocamos a dominação de pais, maridos e patrões por outra, invisível e, por isso mesmo, mais perigosa. A dominação da mídia e da publicidade. (Del Priore, 2000, p. 99).

Desse modo, Pereira complementa que a sociedade patriarcal afirma que:

No campo das relações e gênero, a ‘dominação masculina’ impõe a mulheres a condição de indivíduos ‘dominados’, ou seja, o mundo social toma como padrão o discurso masculino. Segundo o autor [Bourdieu], a forma como as mulheres agem, se vestem, falam, pensam e se posicionam como agentes sociais seria totalmente construída historicamente por um ponto de vista masculino, tornando-se um instrumento de reprodução e de reafirmação de sua própria condição de ‘dominadas’ (Pereira, 2003, p. 155).

Faz-aqui um importante adendo: em nenhum momento a *Marcha das Vadias* tem como foco em retirar da mulher sua beleza ou sensualidade, mas sim desnaturalizar a ideia de que a mulher tem isso como papel. As consequências sociais dessa lógica não tem preço: estupros, assassinatos, massacres e outras inúmeras formas de violência e repressão. Reeducação da sociedade a partir do mote do corpo é o foco da *Marcha das Vadias*, por isso a associamos como uma ação educativa.

CONCLUSÃO

Desde o início deste artigo já partimos de algumas premissas, são elas: o machismo e a misoginia ainda fazem parte da nossa sociedade; a escola não consegue dar conta de todas as suas inúmeras necessidades; os movimentos sociais cumprem importante papel enquanto agentes educativos. A partir desta leitura, o presente estudo tenta relacionar a *Marcha das Vadias* como ação educativa transformadora, que embora pontual, consegue ter certa visibilidade na sociedade, seja através da *Marcha* ou dos debates que a antecedem. Este parágrafo da autora Beatriz Beraldo, sintetiza um pouco deste sentimento:

As “vadias” incomodam, pois trazem a luz um lado desagradável da sociedade contemporânea, que aceita e silencia diversas práticas de agressão contra a mulher, estas muitas vezes reproduzidas em diversas instituições, da mídia à educação. Ao se colocarem nas ruas, mostraram que as atitudes machistas podem aparecer de diferentes formas no dia-a-dia de nossa sociedade: seja através da imposição de regras de vestuário, seja na consumação de um estupro. Mais ainda, as novas feministas enviaram a mensagem de que diante desses fatos elas não irão mais se calar, não irão se adequar. Educamos nas ruas o que não ensinam nas escolas. (BERALDO, 2014, p.129)

Por fim, acreditamos que a *Marcha* cumpre uma importante função na desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade, mas é preciso que ela vá além. Ao longo desta pesquisa constatou-se que ainda não existe, por exemplo, nenhum material teórico produzido pelo coletivo que organiza a *Marcha das Vadias*, material este que seria de suma importância para sistematizar não só as ideias do coletivo, mas também para balizar, a posteriori, um referencial para a construção de práticas pedagógicas que superem os valores da sociedade patriarcal. Da mesma forma, desde a primeira edição em 2012 nenhum material audiovisual foi produzido pela *Marcha*, mesmo tratando-se de um coletivo formado hegemonicamente por meninas jovens com amplo acesso às novas formas de produção de comunicação. Para que este debate chegue às ruas, escolas e faça parte do cotidiano é preciso que este processo comunicacional seja mais dinâmico e preferencialmente sequencial durante todo o ano, e não somente em eventos pontuais.

No entanto, reconhecemos que as organizações e movimentos feministas têm como parte substancial da sua ação cotidiana o trabalho educativo. Isso indica que educação é um elemento fundamental da auto-organização das mulheres, pois toda ação educativa é, em si, uma ação política. Este processo educativo é externo para a sociedade mas também interno para as próprias mulheres, pois a *Marcha das Vadias* impulsiona, tanto no meio acadêmico quanto no senso comum, possibilidades sobre o feminismo. Esse processo é de grande relevância se considerarmos que ele abre a discussão, primeiro, para novos modos de instituir relações menos essencializadas de masculino e feminino. O novo repertório cultural com que as atuais gerações se defrontam, sobretudo diante da expressiva presença do movimento LGBT no cenário político brasileiro, desafia algumas convicções feministas clássicas, como a exclusividade das mulheres como sujeitos políticos do feminismo. Tudo isso é colocado como tempero da *Marcha das Vadias*. Se este debate ainda parece um pouco secundário na escola e nos programas político pedagógicos, para o coletivo que organiza a *Marcha*, esse debate já é tardio e urgente.

[1] Fernando Barbosa Oliveira Correia é estudante de mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), vinculado ao PPGED (Programa de Pós-Graduação em Educação). fernandocorreia@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-77.
- BERALDO, Beatriz. **Por saias e causas justas: Feminismo, comunicação e consumo na Marcha das Vadias**. São Paulo: Editora USP, 2014.
- BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império**. Campina Grande: EDUFPG, 2011.
- CÉSAR, Maria Rita A. & ATHAYDE, T. (2013). **Por um feminismo &vadio&39; e outras considerações contemporâneas**. *Labrys, Estudos Feministas*. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys24/libre/maria%20rita.htm>. Acesso em 29 jun. 2015.
- DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Alfabetização e Conscientização**, Porto Alegre, Ed. Emma, 1963.
- _____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Carla & SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil**. *Soc. estado*. 2014, Vol.29, n.2, pp. 433-447. ISSN 0102-6992. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200007>. Acesso em 29 jun. 2015.
- HANSEN, João Adolfo. **A civilização pela palavra**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p.19-41
- PEREIRA, Cláudia da Silva. **Adolescente, feminino, plural: um corpo em construção**. v. 4, n.1. Niterói: Revista Gênero (UFF), 2003.
- RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Mulheres educadas na Colônia**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p.79-94.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. "Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres". In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 99-110.

- [] Fernando Barbosa Oliveira Correia é estudante de mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), vinculado ao PPGED (Programa de Pós-Graduação em Educação). fernandocorreia@gmail.com
- [] Karina Salves Vieira é estudante de mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), vinculado ao PPGED (Programa de Pós-Graduação em Educação). vieirask@hotmail.com
- [] Cristiano José de Oliveira é estudante de mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), vinculado ao PPGED (Programa de Pós-Graduação em Educação). cristianj_35@hotmail.com

Recebido em: 13/07/2015

Aprovado em: 13/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: